



AUTO-PERCEPÇÃO DO AMBIENTE PARA A REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES FÍSICAS NO INTERIOR DO AMAZONAS

MARIA NATÁLIA CARDOSO, IASMIN MACHADO SOARES, YANDRA ALVES PRESTES, TIAGO ASSUNÇÃO DOS SANTOS FARIAS, ELISA BROSINA DE LEON

RESUMO

Os estudos sobre AF concentraram-se em avaliar as características sociais e demográficas do indivíduo. Todavia esses fatores são insuficientes para aumentar os níveis de AF na população e são de difícil modificação. Em decorrência disso, modelos ecológicos têm sido propostos na atualidade por pesquisadores da área. Eles partem do pressuposto de que o ambiente construído, natural e social possui forte associação à prática de atividade física (AF) de lazer, sendo este o domínio com maior possibilidade de proposições de intervenções. Portanto, o presente estudo teve como objetivo analisar a autopercepção do ambiente para a realização de atividades físicas localizados periféricamente às Unidades Básicas de Saúde do perímetro urbano de uma cidade no interior do Amazonas. Trata-se de um projeto transversal englobado por um estudo guarda-chuva intitulado “Intervenção liderada por agentes comunitários de saúde para manejo de Diabetes tipo 2 no interior do Amazonas”. Os dados foram coletados no município de Iranduba/AM (38,1 km de carro da capital). Ao todo participaram da entrevista 278 usuários moradores da zona urbana de Iranduba, pelo menos mais da metade dos participantes discordaram totalmente da existência de estruturas de lazer, de recreação gratuitas e para andar de bicicleta no bairro ou ao redor dele. Desses participantes, a maioria era alfabetizado com o ensino fundamental incompleto, de baixa renda e não trabalhava. Em conclusão, esse estudo demonstrou que 72,65% dos participantes relataram que não há opções de estruturas de lazer/recreação gratuitas ou de baixo custo no seu bairro.

Palavras-chave: diabetes mellitus; locais; ipaq ambiente; hábitos saudáveis; iranduba

1 INTRODUÇÃO

Pessoas das mais variadas classes sociais e faixas etárias estão cada vez mais conscientes da importância da prática de atividade física (AF) não só para manter a boa forma, mas para manter a saúde e prevenir o surgimento ou agravamento de doenças (Felipe *et al.*, 2019).

Apesar desse conhecimento é percebido que o número de pessoas sedentárias continua elevado e a cada ano surgem mais casos de doenças crônicas não transmissíveis. A partir dessa linha crescente passou-se a pensar se a desigual distribuição dos espaços e as dificuldades no acesso a eles não poderiam ser fatores desmotivadores para a prática de AF (Hino *et al.*, 2017).

De acordo com a revisão sistemática conduzida por Dumith, os estudos sobre AF concentraram-se em avaliar as características sociais e demográficas do indivíduo (idade, nível socioeconômico, sexo, estado civil, entre outros) e associá-las à inatividade física. Todavia esses fatores são insuficientes para aumentar os níveis de AF na população e são de difícil modificação (Curi *et al.*, 2007).

Em decorrência disso, modelos ecológicos têm sido propostos na atualidade por

pesquisadores da área. Eles partem do pressuposto de que o ambiente construído (espaços criados e modificados pelo homem, como casas, escolas, parques, ruas, locais de trabalho, entre outros) (Kretschmer e Dumith, 2020).

Assim como o ambiente natural (espaços nos quais não houve modificações realizadas pelo homem, como praias) e o ambiente social (suporte realizado por meio da motivação de outras pessoas para a realização de AF ou de animais domésticos) onde as pessoas vivem possuem forte associação à prática de AF de lazer, sendo este o domínio com maior possibilidade de proposições de intervenções (Kretschmer e Dumith, 2020).

Um desses modelos que se tornou mundialmente conhecido foi a Teoria Ecológica de Urie Bronfenbrenner que afirma que o ambiente influencia diretamente no desenvolvimento e comportamento humano. (Bronfenbrenner, 1997; Martins e Szymanski, 2004).

Dessa forma as intervenções ambientais tornam-se promissoras para permitir maior cobertura populacional e apresentar melhores resultados na mudança de comportamentos relacionados à saúde. Ou seja, espera-se que as associações entre as características do ambiente do bairro sejam diferentes entre os diferentes subgrupos populacionais (Boing *et al.*, 2015).

Apesar da importância atribuída às características ambientais, especialmente ao contexto de bairro, ainda há evidências inconsistentes sobre quais características ambientais são determinantes da prática de atividade física, especialmente no Brasil, devido à sua grande extensão territorial, às variações climáticas, à desigualdade social e econômica, entre outros (Hino *et al.*, 2017).

O presente estudo teve como objetivos verificar as características de diferentes bairros do município de Iranduba através da percepção de usuários com diabetes cadastrados nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) do município, além de associar a percepção dessa população aos seus dados sociodemográficos e de renda.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um projeto transversal englobado por um estudo guarda-chuva intitulado “Intervenção liderada por agentes comunitários de saúde para manejo de Diabetes tipo 2 no interior do Amazonas”. Os dados foram coletados no município de Iranduba/AM (38,1 km de carro da capital).

Como critérios de inclusão foram considerados participantes que possuísem diabetes, tivesse o estado cognitivo preservado e possuisse cadastro nas UBS sorteadas. Como critério de exclusão foram considerados indivíduos que não estivessem em casa no momento da entrevista, que não estavam tomando remédio para diabetes há mais de 6 meses e que ainda não possuíam o diagnóstico de diabetes.

Para poder verificar a percepção dos usuários quanto ao ambiente dos espaços para prática de atividade física será utilizado o International Physical Activity Questionnaire Environment (IPAQ-E) que foi desenvolvido e validado com o objetivo de conhecer as potencialidades e desagradados por parte da população quanto aos espaços físicos ofertados (Alexander *et al.*, 2006).

Ele é composto por 17 itens que englobam questões relacionadas ao tipo de moradia, distância de lojas e lugares, estruturas para lazer e recreação, pontos de ônibus, vias, criminalidade, trânsito, paisagem, ciclovias, estruturas para prática de atividade física e veículos automotores.

Ao lado de cada pergunta há um espaço para marcar a resposta que melhor se adequa com a realidade daquele usuário, as respostas são as seguintes: discordo totalmente; discordo em parte; concordo em parte; concordo totalmente; não sei/não conheço; não se aplica (Martins e Petroski, 2000; Reichert *et al.*, 2007).

Os dados foram coletados na residência de cada participante onde o entrevistador se encaminhava acompanhado do Agente Comunitário de Saúde (ACS) responsável por aquela

área. O instrumento estava contido no aplicativo ODK, juntamente com os demais que compunham o questionário do projeto, que foi baixado através do play store no celular dos entrevistadores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo participaram da entrevista 278 usuários moradores da zona urbana de Iranduba. Desses, a maioria era do sexo feminino (63,30%), casada ou em união estável (59%), parda (73,38%) e com uma média de idade de 60,75±11,98 anos. A maioria dessa população também era alfabetizada (73,38%), todavia possuía apenas o ensino fundamental incompleto (46,56%) e aposentada (39,98%), não possuía trabalho (71,22%) e tinha como renda mensal um salário-mínimo (48,56%).

Quanto ao IPAQ Ambiente o principal tipo de moradia foi Alvenaria correspondendo a 100% das respostas. Questionados sobre a quantidade de carros que possuíam em sua residência 65,46% relataram não possuir, enquanto 1,09% relataram possuir 5 veículos automotores em funcionamento. Em relação a motos 79,13% não possuem esse meio de locomoção e 18,34% possuíam pelo menos 1.

Tabela 1. IPAQ Ambiente.

Questões	Discordo totalmente n(%)	Discordo em parte n(%)	Concordo em parte n(%)	Concordo totalmente n(%)	Não sei/ não conheço n(%)	Não se aplica n(%)
Existem muitas lojas perto da sua casa?	125(44,96%)	48(17,26)	59(21,22%)	35(12,58%)	8(2,87%)	2(0,71%)
Existem muitos lugares para ir perto da sua casa?	132(47,48%)	51(18,34%)	52(18,70%)	28(10,07%)	7(2,51%)	7(2,51%)
Existem muitas estruturas para lazer/recreação gratuitas ou de baixo custo no seu bairro?	161(57,91%)	41(14,74%)	43(15,46%)	13(4,67%)	13(4,67%)	6(2,15%)
Existem pontos de ônibus perto da sua casa (entre 10 e 15 min. Para ir caminhando)?	59(21,22%)	26(9,35%)	44(15,82%)	140(50,35%)	5(1,79%)	3(1,07%)
Há calçadas na maioria das ruas do seu bairro?	46(16,54%)	28(10,07%)	85(30,57%)	105(37,76%)	6(2,15%)	7(2,51%)
As calçadas estão bem conservadas e desobstruídas?	60(21,58%)	33(11,87%)	83(29,85%)	85(30,57%)	7(2,51%)	9(3,23%)
Existem estruturas para andar de bicicleta no seu bairro ou perto dele?	172(61,87%)	18(6,47%)	17(6,11%)	9(3,23%)	12(4,31%)	49(17,62%)

Os locais para andar de bicicleta dentro e ao redor do seu bairro são bem conservados?	145(52,15%)	22(7,91%)	23(8,27%)	15(5,39%)	17(6,11%)	55(19,78 %)
---	-------------	-----------	-----------	-----------	-----------	----------------

Há muitas coisas interessantes para observar enquanto caminha pelo seu bairro?	121(43,52%)	38(13,66%)	44(15,82%)	32(11,51%)	16(5,75%)	26(7,91%)
Vê muitas pessoas praticando atividade física no seu bairro?	93(33,45%)	24(8,63%)	66(23,74%)	65(23,38%)	20(7,19%)	9(3,23%)
Existem muitos cruzamentos de quatro vias no seu bairro?	72(25,89%)	27(9,71%)	70(25,17%)	80(28,77%)	19(6,83%)	9(3,23%)
A taxa de criminalidade no seu bairro torna inseguro fazer caminhadas durante o dia?	73(26,25%)	39(14,02%)	78(28,05%)	76(27,33%)	4(1,43%)	7(2,51%)
A taxa de criminalidade no seu bairro torna inseguro fazer caminhadas durante a noite?	39(14,02%)	22(7,91%)	60(21,58%)	141(50,71%)	8(2,87%)	7(2,51%)
Há tanto trânsito nas ruas que fica difícil ou desagradável de caminhar?	131(47,12%)	40(14,38%)	36(12,94%)	35(12,58%)	8(2,87%)	27(9,71%)
O trânsito nas ruas é tão intenso que torna difícil ou desagradável andar de bicicleta?	117(42,08%)	31(11,15%)	33(11,87%)	25(8,99%)	17(6,11%)	54(19,42%)

Pelo menos mais da metade dos participantes discordaram totalmente da existência de estruturas de lazer e recreação gratuitas e para andar de bicicleta no bairro ou ao redor dele. Aqui precisaria incluir algo relacionado a falta de opções e o impacto na saúde e comportamentos saudáveis.

A escolaridade pode não ser um fator que impacta diretamente na percepção do ambiente, mas é fortemente ligada a prática de atividade física, como mostra o estudo de Moraisa et al., onde os indivíduos com mais anos de estudo eram fisicamente mais ativos do que aqueles com menos tempo (Moraisa, de *et al.*, 2022).

Foi percebido que a renda também teve influência quanto a percepção dos ambientes, a maioria daqueles que concordaram totalmente com a existência de muitas lojas perto do bairro possuíam 2 ou mais salários-mínimos. Desses mais da metade também possuía pelo menos 1 veículo, seja ele carro ou moto, em casa (Kakinami *et al.*, 2018).

A criminalidade foi mais fortemente percebida durante a noite. Sendo que aqueles que responderam concordar totalmente com o alto nível de criminalidade são moradores de bairros mais afastados do centro, o que corrobora com o estudo de Carmo et al., que relatou uma forte influência da segurança do bairro com o nível de atividade física. Um maior número também relatou não possuir veículo automotor em casa (Carmo, do *et al.*, 2023).

Todavia, contrariando o que poderia ser esperado, moradores de bairros mais próximos do centro discordaram totalmente com a existência de lojas e lugares para ir inseridos no bairro ou próximo a ele. Isso pode ser explicado a partir do fato de Iranduba ser um município do interior do Amazonas pouco desenvolvido possuindo um baixo Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) (0,613) (Leon, De, Cardoso e Campos, 2022).

Porém pode-se acreditar que a existência de calçadas preservadas e pouco trânsito poderiam ser motivadores para a prática de caminhadas e corridas, contudo para os usuários somente isso não é o suficiente e locais apropriados para a prática de atividade física, ambientes para lazer, coisas interessantes para apreciar durante a caminhada ou lugares para ir são propulsores de maior peso (Alves *et al.*, 2021).

O estudo de Penteado *et al.*, trouxe a ideia de que o gênero influencia a percepção do indivíduo em relação ao ambiente construído, apesar desse fato esse estudo não apresentou diferenças significativas quanto ao gênero. Ainda assim um maior número de mulheres afirmou discordar totalmente da existência de locais para lazer e recreação e lugares para ir dentro do bairro (Paula Bonini Penteado, Iarozinski Neto e Sc Ana Carolina Bonini Penteado, 2016).

Pode-se pensar também que essa maior percepção do gênero feminino pode vir do fato da maior parte das mulheres serem fisicamente mais ativas comparadas aos homens, seja por motivos de saúde ou por questões ligadas a insatisfação ou preocupação com o próprio corpo como apresentou a pesquisa de (Miranda *et al.*, 2018).

4 CONCLUSÃO

Em conclusão esse estudo apresentou uma maior percepção dos usuários quanto a existência de locais para ir e lojas no bairro, sendo que o fator proximidade do centro aparentemente não influencia nessa percepção. Os indivíduos que participaram do estudo representam uma parcela de uma população que tem uma vivência específica de uma cidade interiorana do Amazonas, que possui características únicas, com base nisso recomenda-se mais estudos com esse tema voltado para outras regiões brasileiras.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, A. *et al.* IPAQ environmental module; reliability testing. **Journal of Public Health**, v. 14, n. 2, p. 76–80, abr. 2006.

ALVES, G. P. *et al.* Periferização, qualidade ambiental urbana e percepção dos moradores em cidades médias: estudo de caso no município de Itajubá/MG. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, p. e3710111332, 2 jan. 2021.

BAUMAN, A. E. *et al.* **Correlates of physical activity: Why are some people physically active and others not?** *The Lancet* Elsevier B.V., 1 jul. 2012.

BOING, L. *et al.* Physical activity associated with urban environmental characteristics: A correlational study of active women of high socioeconomic status from Brazilian cities of Santa Catarina. **Motriz. Revista de Educacao Fisica**, v. 21, n. 4, p. 393–402, 1 out. 2015.

BRONFENBRENNER, U. *Toward an Experimental Ecology of Human Development.* **American Psychologist**, 1997.

CARMO, A. S. DO *et al.* The influence of neighborhood safety and built environment on childhood obesity: isolated and combined effect of contextual factors. **Cadernos de Saude Publica**, v. 39, n. 8, 2023.

CURI, P. *et al.* **Evolução da pesquisa epidemiológica em atividade física no Brasil: revisão sistemática** *Evolution of the epidemiological research on physical activity in Brazil: a systematic review* **RESUMO** *Rev Saúde Pública*. [s.l: s.n.].

FELIPE, J. *et al.* Physical activity and environment: The influence of urban green spaces on health. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 25, n. 4, p. 305–309, 1 jul. 2019.

HINO, A. A. F. *et al.* Ambiente percebido do bairro e atividade física no lazer em adultos de Curitiba, Brasil. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 19, n. 5, p. 596–607, 2017.

KAKINAMI, L. *et al.* The association between income and leisure-time physical activity is moderated by utilitarian lifestyles: A nationally representative US population (NHANES 1999–2014). **Preventive Medicine**, v. 113, p. 147–152, 1 ago. 2018.

KRETSCHMER, A. C.; DUMITH, S. C. Physical activity in leisure-time and perceived environment: A population-based study with adults and the elderly from southern Brazil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, p. 1–13, 2020.

LEON, E. B. DE; CARDOSO, M. N.; CAMPOS, H. L. M. Perfil socioeconômico e demográfico do envelhecimento no Amazonas. *Em*: ROCHA, M. L. C. DA; MAGALHÃES, C. M. C. (Eds.). **Envelhecimento Humano na Amazônia e Outras Regiões do Brasil**. 1. ed. São José dos Pinhais: Brazilian Journals Publicações de Periódicos e Editora, 2022. p. 13.

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em Estudos com Famílias. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 4, n. 1, 2004.

MARTINS, M. DE O.; PETROSKI, E. L. Mensuração da percepção de barreiras para a prática de atividades físicas: uma proposta de instrumento. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v. 2, n. 1, p. 58–65, 2000.

MIRANDA, V. P. N. *et al.* Body dissatisfaction, physical activity, and sedentary behavior in female adolescents. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 36, n. 4, p. 482–490, 1 out. 2018.

MORAISA, G. L. DE *et al.* Adult physical activity level: association with schooling, income and distance from open public spaces in Criciúma, Santa Catarina. **Revista Brasileira de Ciencias do Esporte**, v. 44, 2022.

PAULA BONINI PENTEADO, A.; IAROSZINSKI NETO, A.; SC ANA CAROLINA BONINI PENTEADO, D. O GÊNERO DO INDIVÍDUO INFLUENCIA A PERCEPÇÃO DO AMBIENTE CONSTRUÍDO? **Ergodesign & HCI**, v. 4, n. 4, 2016.

REICHERT, F. F. *et al.* The role of perceived personal barriers to engagement in leisure-time physical activity. **American Journal of Public Health**, v. 97, n. 3, p. 515–519, mar. 2007.